

Joãosinho Beckenkamp, *O jovem Hegel. Formação de um sistema pós-kantiano*. Edições Loyola: São Paulo, 2009, 279 p.

Pedro Aparecido Novelli*

A recepção da filosofia hegeliana no Brasil realizada através das leituras feitas por Marx, que identificariam Hegel como um conservador e justificador da ordem estatal, contribuiu para que os textos do mesmo fossem veementemente evitados, e quando considerados, fossem mal interpretados. Exemplo ilustrativo disso é que a tríade tese, antítese e síntese ainda é empregada para tratar a dialética especulativa. Além disso, deve-se acrescentar que o preconceito diante da filosofia de Hegel culminou na escassa divulgação de sua obra até mesmo no meio acadêmico. Tanto é que a primeira tradução no Brasil de uma obra de Hegel - precisamente a da “Enciclopédia das Ciências Filosóficas” por Lívio Xavier (Atena, 1936) -, ficou separada por aproximadamente 60 anos da tradução da “Fenomenologia do Espírito” por Paulo Meneses (Vozes, 1992). Felizmente, esse quadro alterou-se vertiginosamente nas últimas duas décadas, resultando na tradução de outras obras, ainda que timidamente, porém de forma mais constante. Assim, o interesse pela filosofia de Hegel foi renovado principalmente pela formalização da pesquisa sobre a filosofia hegeliana através da Sociedade Hegel Brasileira (SHB), que tem congregado um número considerável de estudiosos em todos os níveis e das mais diferentes regiões do país.

Não é incomum que as denominadas obras maiores de um pensador concentrem uma gama significativa de pesquisas e estudos. Com Hegel não foi diferente, pois as traduções supracitadas, somadas à “Ciência da Lógica” e às “Linhas Fundamentais da Filosofia do Direito” têm sido fonte da maior parte dos estudos e das pesquisas.

A dificuldade de compreensão de uma tal filosofia está sem dúvida atrelada ao acesso às obras como um todo que se junta a um aspecto extremamente significativo e, em especial, com relação à filosofia hegeliana, que é a necessidade de compreendê-la como um sistema. Esse aspecto somente pode ser inicialmente satisfeito na medida em que as

* Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas; Professor da Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília – Unesp. Email: penovelli@gmail.com.

obras encontrarem-se disponíveis.

O presente texto do Professor Beckenkamp é um avanço significativo na direção da promoção e divulgação da filosofia hegeliana, uma vez que brinda leitores especialistas ou não com a exposição do desenvolvimento do pensamento de Hegel desde as suas origens na juventude. A reconstrução histórico-filosófica do pensamento de um autor permite identificar as fontes, os interesses e as influências que marcaram sua manifestação e desenvolvimento.

No entanto, o leitor deve ser advertido de que não encontrará no livro de Beckenkamp uma coletânea de textos do jovem Hegel, pois isso demanda uma empreitada totalmente diferente da proposta e um número considerável de volumes. Certamente essa tarefa não deixa de ser uma das provocações do livro, talvez a mais incisiva. O que, então, o leitor pode esperar? Sem sombra de dúvida uma reconstrução acurada do processo de formação do sistema filosófico hegeliano nos textos de juventude. Eis a razão porque o livro se inicia com a questão sobre a pertinência do interesse pelos escritos de Hegel desse período. Segundo o autor, foi pelo flagrante desinteresse por tais textos que o interesse se deu, pois os textos da juventude hegeliana somente receberam uma edição após o reconhecimento de que essa ausência representava uma lacuna considerável na exposição do pensamento hegeliano. De acordo com Beckenkamp, os “Amigos do Falecido” - como se autodenominaram os discípulos de Hegel que se encarregaram de promover a edição de sua obra -, negligenciaram a juventude hegeliana, preocupados com a apresentação do que consideravam ser o âmago do sistema filosófico do mestre. As edições que vieram a público dos escritos juvenis, além de tardias, acabaram também por cometer algumas imprecisões devido à pressa em publicá-las, porém trouxeram à luz um momento extremamente rico do pensamento de Hegel e, principalmente, de sua formação (p.12). Atualmente pode-se contar com a edição crítica das obras completas de Hegel cuidadosamente elaborada pelos pesquisadores do Arquivo Hegel da Universidade Ruhr de Bochum, Alemanha, e publicada pela Editora Meiner. A edição dos denominados “Frühen Schriften” (Primeiros Escritos), volume I, do período da adolescência e juventude de Hegel será completada com o volume II que já se encontra em fase final de elaboração.

Os escritos do jovem Hegel também reúnem uma miscelânea de textos que remetem aos primeiros anos de estudo no Ginásio de Stuttgart que, no entanto, não são tratados no

livro de Beckenkamp, uma vez que o fio condutor é o contato com a filosofia kantiana identificado mais claramente a partir do período final dos estudos de Hegel em Stuttgart, e ao longo dos anos em Tübingen. Segundo Beckenkamp, a formação do sistema filosófico hegeliano brota de uma relação de grande dependência com a filosofia kantiana, na medida em que Hegel inicialmente procurou compreender a filosofia de Kant já nos anos em Stuttgart e Tübingen. O interesse de Hegel pelo pensamento kantiano pode ser explicado pelo fato de que estava atento a quase tudo que se publicava e que ele reconhecia como de repercussão em seu tempo. Nos textos da tenra juventude em Stuttgart, 1785-1786, o interesse de Hegel pela questão da moral pode ser verificado em seu diário e em alguns outros pequenos textos. Nesse sentido o tratamento dispensado por Kant à moral é sem dúvida um aspecto que teria atraído a atenção do jovem Hegel. O primeiro contato com o tema da moral na filosofia kantiana, conforme documenta Beckenkamp, teria ocorrido ainda em Stuttgart num excerto de Hegel sobre uma resenha do livro de J.A. Ulrich “Eleuterologia ou sobre liberdade e necessidade” (1788), que aborda precisamente o problema entre a moralidade e a liberdade que, segundo o resenhista anônimo, Kant teria resolvido. O segundo contato significativo é também um excerto de uma resenha sobre o livro de A.W. Rehberg “Sobre a relação da metafísica com a religião” (1788), em relação ao problema do móbil da moral, cuja solução kantiana se dá pela doutrina dos postulados da razão prática. Em Tübingen, conforme os denominados “Fragmentos de Tübingen”, Hegel considera a religião como um móbil da vontade assim como Kant já o havia feito, porém, ele introduz um novo elemento pelo qual a distância entre os dois pensadores começa a se tornar perceptível, ou seja, o elemento da sensibilidade caracterizado pela emoção, pelo calor do coração e pelo amor.

Para Beckenkamp, o distanciamento de Hegel com Kant ainda não se configura enquanto tal em Tübingen, pois ele entende esse momento muito mais como um aprendizado hegeliano sobre a filosofia kantiana. Isso seria confirmado nos anos de Berna (1793-1796), quando Hegel aprofundaria sua investigação sobre a moral kantiana e procuraria resolver o problema de sua aplicação. Esse período é denominado pelo autor como o kantismo de Hegel. O texto representativo de Hegel nesse período de sua filiação ao pensamento de Kant é a “Vida de Jesus”, no qual a figura de Jesus encarna o imperativo categórico. As referências de Hegel sobre a necessidade de uma religião que

fale aos homens e que, para tanto, precisa falar ao coração dos homens de forma calorosa, não seriam suficientes para abalar o laço que ainda une Hegel a Kant nesse período.

Nos anos de Frankfurt (1797-1800), dar-se-ia a ruptura definitiva de Hegel com Kant. Em Frankfurt, a cisão entre razão e natureza sensível e a união que ele contempla como necessária ocupa o centro de suas reflexões. A conciliação inviável sob o ponto de vista da filosofia kantiana é vista agora por Hegel como uma questão que precisa ser resolvida para que a moral ultrapasse os limites impostos pela independência da forma em relação ao conteúdo. Um texto aglutinador das questões da separação e da união é “O Espírito do cristianismo e seu destino”, que expõe o dilaceramento da religião judaica na separação operada entre a vida do crente e a vida do cidadão, e afirma a necessidade do cristianismo como presença vinculante entre o crer e o viver, para que não se sustente uma liberdade pela metade, o que significa também nenhuma liberdade. Ao final do período de Frankfurt, Hegel ainda não teria expressado sua compreensão especulativa, porém, levaria consigo a certeza do momento da reflexão tomado da filosofia kantiana como um passo importante para a unidade que ele intentaria. O “Fragmento de 1800” introduz, ainda que em linhas bastante gerais, uma outra dimensão sugerida por Hegel.

O último período apresentado por Beckenkamp refere-se aos anos de Jena (1801-1807), em que seria realizada a formalização da perspectiva filosófica hegeliana através da explicitação das linhas fundamentais do que viria a se constituir no seu sistema que, segundo o autor, podem ser elencadas em três momentos distintos: a) em primeiro lugar, o texto sobre a “Diferença entre os sistemas filosóficos de Fichte e Schelling”, sua dissertação e teses - pelas quais pôde obter um posto para lecionar na Universidade de Jena -, e alguns fragmentos de suas aulas que comporiam o primeiro grupo de textos; b) em segundo lugar, a produção conjunta com Schelling do *Jornal Crítico de Filosofia* e, finalmente, c) a “Fenomenologia do Espírito”. Hegel ainda cultivaria em Jena, como ao longo de todos os anos até sua morte em Berlin, a filosofia kantiana como leitura obrigatória para todos aqueles que desejam ascender à compreensão do todo, pois se trata de um gigante do idealismo alemão sobre cujos ombros é possível erguer-se para ver ainda mais longe. Alçar a visão para o infinito foi a empreitada hegeliana, pois com isso levou a filosofia kantiana às suas últimas conseqüências e, no caso da moral como

fio condutor no presente livro, esta seria realizada subjetivamente na objetividade - e a realização objetiva não seria outra que não a subjetiva. Nas palavras de Hegel na “Enciclopédia das Ciências Filosóficas”, a tarefa da filosofia seria unir o que foi separado, e a separação atingiu seu grau mais elevado em Kant - daí, dar-se-ia a unificação pela filosofia especulativa hegeliana.

O livro de Beckenkamp proporciona uma viagem extremamente prazerosa e instigante pelos anos da juventude de Hegel através dos principais textos que expressariam a construção de um sistema pela desconstrução de outro. A filosofia hegeliana não tem como fonte única sua relação com a filosofia kantiana, mas é inegável a importância de Kant para Hegel, e fica claro que nos diferentes períodos apresentados o que se tem é a supressão do próprio Hegel a cada momento histórico indicado.

Permanece a provocação do livro de Beckenkamp sobre a possível tradução dos textos do jovem Hegel para a comunidade brasileira, pois isso certamente promoverá o desenvolvimento da pesquisa sobre os textos desse período. A bibliografia citada por Beckenkamp é detalhada e rica, mas também espelha o quanto ainda falta para que os textos juvenis de Hegel recebam maior e melhor consideração. O presente livro deu um passo distintivo e significativo: o caminho foi aberto.

Trabalho recebido em dezembro de 2012

Trabalho aceito para publicação em março de 2013